

A função didática do tonto no livro de Qohélet

Cássio Murilo Dias da Silva¹

RESUMO

*Esta apresentação sistematiza e resume um estudo mais amplo sobre a importância persuasiva do tonto nos ensinamentos de Qohélet. Em seu livro, Qohélet utiliza dois termos para falar do tonto: *k^esîl*, aqui traduzido por “estulto”, e *sākāl*, aqui traduzido por “idiota”. Utiliza também dois abstratos correlatos e exclusivos: *hôlelôt* [insensatez], *siklût* [idiotice] e *sékel* [idiotia]. O ponto de partida é um questionamento de caráter funcional: Com qual finalidade persuasiva Qohélet se refere ao tonto? Dito de outro modo: se Qohélet quer inculcar em seus discípulos, ouvintes e leitores o desejo de se tornarem sábios, por que insiste em se referir a quem rejeitou a sabedoria? O tonto se faz presente nas mais diversas circunstâncias e ocasiões do cotidiano; por isso, a crítica qohéletiana não é apresentada de modo orgânico, mas segue o ritmo por vezes caótico da vida real, talvez como estratégia para manter o discípulo/leitor atento e aberto a novas descobertas por conta própria. Nas várias facetas do tonto em Qohélet, é possível vislumbrar o estrago que esta figura promove na sociedade, seja ele alguém sem nenhuma importância, seja alguém revestido de poder e autoridade. Após uma visão panorâmica dos ambientes e das circunstâncias em que Qohélet critica o modus vivendi do tonto, uma breve sistematização sobre os dois tipos de tonto – estulto e idiota – e, como conclusão, a importância deles na argumentação de Qohélet.*

Palavras chave: Eclesiastes, Qohélet, tonto, idiota, estulto.

INTRODUÇÃO

Qohélet usa dois termos para falar do tonto: *k^esîl* [estulto] (18 vezes) e *sākāl* [idiota] (4 vezes). Utiliza também termos abstratos exclusivos *hôlelôt* [insensatez] (7 vezes), *siklût* [idiotice] (7 vezes) e *sékel* [idiotia] (1 vez).

Fiel ao estilo que adota em seu expediente literário, Qohélet não apresenta ordenadamente uma doutrina sistemática sobre o tonto e sua tontice. Ao contrário, do início ao fim do seu livro insere o tonto nas mais diversas situações cotidianas, sem se preocupar em estabelecer uma clara distinção o estulto e o idiota.

Esta dupla renúncia à exposição metódica – de um raciocínio esquemático e

¹ Doutor em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Professor na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Porto Alegre - RS - Brasil. E-mail: cassio.silva@puccrs.br.

de uma distinção entre estulto e idiota – tem como resultado um mosaico composto pelas mais diversas circunstâncias da existência humana, bem como certa fusão dos traços psicológicos de cada tipo de tonto.

É necessário, portanto, que se faça aqui alguma sistematização.

1. OS MUITOS ASPECTOS DA VIDA COTIDIANA

As muitas circunstâncias da existência humana em que Qohélet insere o tonto:

– *A busca pela sabedoria*: Qohélet assume a necessidade de realizar uma investigação independente acerca da sabedoria, da insensatez e da idiotice (1,17; 2,12; 7,25a). Para isso, assume um método não ortodoxo: entregar-se sem restrições a cada uma delas (2,3). Suas conclusões confirmam uma hipótese que ele aparentemente já tinha desde o início: a impiedade é estupidez e a idiotice é insensatez (7,25b).

– *O estilo geral de vida e de comportamento*: A sabedoria leva vantagem sobre a idiotice (2,13). O coração/mente do sábio segue um caminho diferente e melhor do que o coração/mente do estulto (2,14a; 7,2-4), que gosta de tomar a direção errada (2,14a; 10,2). As palavras do estulto brotam da sua idiotice (10,13) e, mesmo assim, o estulto multiplica suas palavras (10,14) e o idiota se considera sábio (10,3).

– *Consequências para a vida pessoal*: O coração/mente do estulto é caracterizado pela ira (7,9). O próprio estulto é a primeira vítima de si mesmo de suas palavras (10,12). Mesmo uma pequena idiotice pode provocar grandes tragédias (10,1). Por isso, em hipótese alguma o discípulo pode ser (ou se tornar) idiota (7,16-17).

– *Trabalho e esforço*: Entre as consequências para a vida pessoal, destaca-se o trabalho. Dois extremos igualmente destrutivos: o estulto é preguiçoso e consome sua própria carne (4,5) ou, inversamente, é tão incompetente que trabalha demais e se cansa sem atingir seu objetivo (10,15).

– *Consequências para a sociedade*: As tragédias são grandes também para a sociedade, quando a idiotia assume o poder (10,6), quando os homens preferem a insensatez (9,3) ou quando um rei ancião e estulto não sabe mais ouvir conselhos (4,13). Por outro lado, é desesperador querer governar estultos (9,17).

– *A religião*: O culto praticado pelos estultos aparentemente é completo: sacrifício (4,17), oração (5,2) e promessas (5,3). Mas toda essa devoção é leviana porque falta o temor a Deus (5,6).

– *A correção*: É melhor ser repreendido pelo sábio do que participar da alegria dos estultos (7,5-6).

– *O drama de viver e de morrer*: Não obstante a superioridade da sabedoria,

o sábio e o estulto estão sempre insatisfeitos (6,8) e têm o mesmo destino: morte e esquecimento (2,14b-17).

– *A herança*: Já antes de o sábio morrer, seu drama começa: talvez seu herdeiro seja um idiota (2,19).

Em todos esses aspectos da existência humana, o tonto – seja ele um estulto ou um idiota – é sempre identificado com o negativo, com o lado pior.

2. CADA UM DOS DOIS TIPOS DE TONTO

Não obstante a intencional fusão dos traços psicológicos do estulto e do idiota, é necessário que se faça aqui alguma distinção e sistematização.

O estulto (*k^esîl*) é o que é porque seu coração (mente) gosta de tomar sempre a direção errada (7,4; 10,2). Por conseguinte, suas palavras são muitas e vazias (5,2), seu canto e sua gargalhada são barulho enganoso (7,5-6). Em razão desta sua inaptidão e superficialidade, as palavras e as ações do estulto têm um poder destruidor, para si mesmo (4,5; 10,12.15) e para as outras pessoas (5,1; 7,9), a ponto de provocar desgosto e repúdio até mesmo em Deus (5,3). Qohélet, no entanto, encontra-se diante de um paradoxo: é preferível ser sábio do que ser estulto (2,14), assim como preferível seguir o sábio do que o estulto (4,13; 7,5; 9,17); não obstante, não há vantagem do sábio sobre o estulto (6,8) e ambos partilham o mesmo destino de morte e esquecimento (2,15-16).

Retrato semelhante é o do idiota (*sākāl*). Também este é um falastrão (10,14) e tem um coração/mente tão distorcido, a ponto de pensar e afirmar que os outros é que são idiotas (10,3). Por outro lado, ainda que ensine a seu discípulo que evite ser e se tornar idiota, e que para isso recorra ao argumento de que o idiota destrói a si mesmo (7,17), Qohélet enfrenta novamente situações paradoxais: na sociedade, a idiotia recebe o poder que deveria ser concedido aos sábios (10,6); no âmbito pessoal, vive a angústia de pensar que deixará tudo o que construiu em herança a um idiota (2,19).

Quanto aos abstratos à idiotice e à insensatez, Qohélet apresenta-se como alguém que fala com propriedade sobre elas porque as investigou profundamente (1,17; 2,13; 7,25) e até se entregou à idiotice como uma experiência de pedagogia reversa (2,3). As conclusões são as já esperadas: idiotice e insensatez são perversas e fazem multiplicar as palavras que levam a um fim trágico (10,13); embora a sabedoria seja preferível à idiotice (2,13), uma mínima idiotice pode arruinar a vida de quem busca a sabedoria (10,1); não obstante, há também aqui dois paradoxos, uma vez, o destino comum está reservado a todos (9,3a) e, na vida cotidiana, os

homens preferem a insensatez (9,3b).

CONCLUSÃO

Quem é o tonto, afinal?

O tonto não é um doente mental, mas um indisciplinado, alguém a quem falta o discernimento prático e que crê, apesar de tudo, encontrar-se na via justa, insistindo no erro, justificando sua conduta; ou mesmo quando dotado de inteligência, não é capaz de utilizá-la para o bem. A arrogância do tonto tem um aspecto teológico: ele nega a existência de Deus (cfr. Sl 14,1a) e, portanto, não é necessário temê-lo nem respeitar seus mandamentos. Eis porque insensatez (idiotice, tontice) muitas vezes é associada a falta de fé, pecado, culpa e injustiça (cfr. Sl 69,6; Pr 24,9; Is 32,6; no NT, Mt 7,22).

Por tudo isso, não de pouca monta é o peso da figura do tonto no pessimismo de Qohélet, que afirma estar ciente de que igual esquecimento póstumo o igualará ao estulto (2,12-17), de que um patrimônio construído com sabedoria e prudência pode acabar nas mãos de um idiota (2,18-23) e de que à idiotice se confere maior valor (9,19-10,1) ou mais poder (10,6) do que à sabedoria. Isso tudo explica por que Qohélet não tem o menor pudor em declarar repetidamente (2,15.19.21 e 7,6) que, também no que se refere ao tonto, a doutrina da retribuição é *hébel*, vaidade, engano, mentira!

Em seu desejo de persuadir, Qohélet elabora um ensinamento em forma de mosaico, no qual o tonto desempenha uma função didática de extrema importância: ele personifica todos os defeitos que o discípulo/leitor deve evitar, caso queira se tornar sábio. Ou seja, o tonto é o grande exemplo que deve ser muito bem observado e imitado às avessas.

É como se Qohélet dissesse ao seu discípulo/leitor: “Queres ser sábio? Observa o tonto e faze o contrário!”.

REFERÊNCIAS

DELITZSCH, Franz. *Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes*. Michigan: Eerdmans, 1980.

DI FONZO, Lorenzo. *Ecclesiaste*. Torino: Marietti, 1967.

FOX, Michael V. *Qohelet and his Contradictions*. Sheffield: Almond, 1989.

GINSBURG, Christian David. *Cohemoth, commonly called the Book of Ecclesiastes*. London, Longman: 1861.

GLASSER, Étienne. *O Processo da Felicidade por Coelet*. São Paulo: Paulus, 1975.

GORDIS, Robert. *Kohemoth, the Man and his World. A study of Ecclesiastes*, New York: Schocken Books, 1968.

LOADER, James Alfred. *Ecclesiastes, a Practical Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

MANDRY, Stephen A. *There is no God! – A Study of the Fool in the Old Testament, particularly in Proverbs and Qoheleth*. Roma: Officium Libri Catholici, 1972.

MENCHÉN CARRASCO, Joaquín. “Ecclesiastes”. In: GUIJARRO OPORTO, Santiago e SALVADOR GARCÍA, Miguel (eds.). *Comentario al Antiguo Testamento – II*. Salamanca: La Casa de la Biblia, 1997. pp. 671-695.

OGDEN, Graham S. *Qoheleth*. Sheffield: JSOT Press, 1987.

RAVASI, Gianfranco. *Qohelet*. Milano: Paoline, 1988.

SACCHI, Paolo. *Qoelet (Ecclesiaste)*. Milano: Paoline, 1986. [Reeditado em *La Bibbia: Nuovissima versione dei testi originali. II - Antico Testamento*, 667-752. Milano: Paoline, 1991.]

VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Ecclesiastes ou Qohélet*. São Paulo: Paulus, 1999.

WRIGHT, Addison G., “Ecclesiastes (Qoheleth)”. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER Joseph A. & MURPHY, Roland E. (eds.). *The New Jerome Biblical Commentary*, London: Geoffrey Chapman, 1990. pp. 489-495.